

“FIZ ABRIR O LAZARETO PARA TRATAR UM VARIOLOSO”:

Os enunciados de combate à varíola no Rio Grande do Norte no fim do século XIX

Bruno Barreto Lopes¹

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo analisar os enunciados discursivos de combate à varíola na segunda metade do século XIX publicados nos Relatórios de Presidente de Província/Estado do Rio Grande do Norte e nos escritos de Câmara Cascudo. A capital potiguar era lugar onde os corpos adoecidos de varíola eram tratados por meio do isolamento dos doentes em espaços de clausura, a exemplo do Lazareto da Piedade. Para melhor entender esse modelo de isolamento, dialogo com o debate empreendido por Michel Foucault (1979) de medicina urbana. Utilizando como metodologia a análise do discurso de ordem foucaultiana, concluo que a varíola, tornando-se objeto de atenção do governo, fez impor a noção de salubridade a uma sociedade desigual carente de higiene pública, além de vacinofóbica.

PALAVRAS-CHAVE: Varíola. Isolamento. Rio Grande do Norte.

“I HAD A LAZARETTO OPENED TO TREAT A SMALLPOX PATIENT”:
The Statements On Combating Smallpox In Rio Grande Do Norte At The End Of
The 19th Century

ABSTRACT:

This work aims to analyze the discursive statements of the fight against smallpox in the second half of the nineteenth century, published in the Reports of the President of the Province/State of Rio Grande do Norte and in the writings of Câmara Cascudo. The capital of the state was a place where sick bodies with smallpox were treated by isolating them in cloistered spaces, such as the Lazareto da Piedade. To better understand this model of isolation, I dialogue with the debate undertaken by Michel Foucault (1979) on urban medicine. Using Foucaultian discourse analysis as a methodology, I conclude that smallpox, becoming an object of government attention, imposed the notion of healthiness on an unequal society lacking public hygiene notion, which was also taken over by a vaccinephobia.

KEYWORDS: smallpox, isolation, Rio Grande do Norte.

¹ Graduando em História licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), bolsista de Iniciação Científica do professor Azemar dos Santos Soares Júnior, faz parte do grupo de pesquisa Observatório das Heterotopias, lattes: <http://lattes.cnpq.br/2818359268017691> Bolsista CNPq, email: brunobrt02@gmail.com

Introdução

O Rio Grande do Norte oitocentista foi permeado por diversas epidemias, endemias e surtos de diversas doenças como o cólera, febre amarela e varíola. É sobre o tratamento com a varíola, também comumente chamada de bexigas, que nos debruçamos nestes escritos, fruto da iniciação científica. Trata-se de uma enfermidade que adotou como medida de contenção o isolamento, os recolhimentos e o controle de corpos doentes, conforme aqueles descritos por Michel Foucault (1979) acerca da medicina urbana. A varíola² foi uma doença causada pelo vírus *poxvirus variolae*, que vivia em estado endêmico, ou seja, com recorrentes casos em todo o mundo entre os séculos XIX e XX, até ser a primeira doença completamente erradicada no final do vigésimo século (Toledo Jr., 2005). Essa doença foi responsável por várias epidemias e milhares de mortes em quase todo o planeta. Ela era altamente mortal e causava pústulas no corpo, transmitindo de pessoa-a-pessoa.

Para realizar a escrita desta história, problematizo os Relatórios de Presidente de Província/Estado³, enquanto fonte histórica, registros que reportavam para a Câmara Legislativa todo ano prestando conta acerca do estado geral da Província/Estado, incluindo o relato do Inspetor de Saúde que expunha o estado sanitário da capital. Por este motivo, cravo meu recorte espacial na cidade do Natal, devido à falta de informações acessíveis sobre o interior da geografia norte-rio-grandense. Dialogo com a obra de Dilene do Nascimento e Anny Jackeline da Silveira intitulada “A doença revelando a história” (2004) para entender a doença e as epidemias como formas de interpretar uma sociedade, obtendo a imagem dela e de suas imposições aos indivíduos, isso analisando as transformações ocorridas no estado do Rio Grande do Norte no contexto político e social, e, com

² Do latim *varius* = mancha ou *varus* = pústula.

³ A partir da mudança de Império para República, em 1889, os Presidentes de Província passaram a ser chamados de Presidente de Estado, hoje Governadores de Estado.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

os escritos de Michel Foucault (1979) com as definições da medicina urbana com suas formas de isolar, de colocar em quarentena.

Metodologia

No que diz respeito aos investimentos metodológicos, diálogo com a proposta da análise do discurso aos moldes de Michel Foucault (2012), responsável por entender o discurso como a “[...] reverberação de uma verdade nascendo diante dos próprios olhos”. Esse imperativo diz respeito a existência de um texto escrito que deve ser lido e compreendido. A subjetivação desse saber torna-se um outro discurso distinto daquele que fora posto no texto lido, promovendo a produção de uma outra escrita, que chamamos de história. Esse jogo que é composto por acontecimentos e pela compreensão de sua utilização, Foucault (2010, p. 146) chama de arquivo. Ou seja, aquilo “[...] que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”, uma produção constante de saberes e discursos com uma dada vontade de verdade.

Concordo com Arlette Farge (2015, p. 72) que o fato e a fala sobre o fato são dois materiais diferentes que exigem uma reflexão sobre sua inclusão no relato. A autora, de forma abreviada, concorda com a proposta foucaultiana de pensar formas de examinar o enunciado: distingue o acontecimento (fato) do discurso produzido sobre o acontecimento (fala) e afirma que a reflexão sobre ambos faz nascer um novo discurso (seja na ordem do pensamento ou da escrita), a ser incluído do relatório (conjuntos de saberes produzidos a partir da tarefa de localizar o escrito, fazer leituras e entender). Nesse sentido, a proposta da análise do discurso me ajuda a realizar a tarefa de historiador autorizado a refletir sobre os enunciados contidos na documentação sobre o tema da educação sanitária e sobre eles fazer inferências, esmiuçá-los, espremê-los, virá-los ao avesso... e, por fim, produzir uma dita história, também com vontade de verdade.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O método da análise do discurso opera sobre a produção de enunciados produzidos sobre um determinado acontecimento. Michel Foucault (2010) entende por acontecimento uma espécie de começo, um fato capaz de desprender a atenção de alguém capaz de registrar ao seu modo a forma como subjetivou o ocorrido, portanto, um outro acontecimento. O começo para Foucault (2010) funciona como eventos históricos que promovem “[...] solavancos, surpresas, vitórias instáveis e suas intragáveis derrotas – a base de todos os começos, atavismos e hereditariedades” (Obrien, 2001, p. 50) e assim identificar e justapor diferenças em busca das manifestações de poder que permeiam as relações sociais. O método proposto pelo filósofo foge das origens e privilegia os começos: os fatos inusitados, o inesperado, aquilo que destoa. Assim, as epidemias de varíola que adoeciam e por vezes matavam corpos podem ser pensadas como começos, ações inesperadas capazes de alterar os roteiros das vidas de mulheres e homens e produtoras de discursos em camadas, em espaços cheios de espasmos, vazios, uma arqueologia do discurso sobre corpos adoecidos.

Nesse sentido, comprehendo que o método da análise do discurso de ordem foucaultiana opera a partir de um começo (um acontecimento inusitado, inesperado), que sobre ele se produz enunciados discursivos (outros acontecimentos que não correspondem ao real ocorrido). Esse material é o que chega às mãos do pesquisador/historiador que coleciona em forma de arquivo para realizar a problematização, as análises, fazer as inferências, levantar questionamentos e a partir deles, produzir a tecitura de outro discurso: um terceiro acontecimento diferente e distinto dos dois primeiros, embora estejam conectados pelo tema e pela vontade de verdade.

A principal fonte histórica analisada neste texto/pesquisa foram os Relatórios de Presidentes de Província/Estado.

Resultados e discussões

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Câmara Cascudo (2010) afirmou em sua “História da Cidade do Natal” que “[...] a varíola vivia em estado endêmico com surtos maiores ou menores que alarmavam os presidentes e punham em roda viva os raros médicos” (Cascudo, 2010, p. 249). Nos primeiros anos do século XIX a capital do Rio Grande do Norte ainda não possuía nenhum hospital, sendo o primeiro construído no ano de 1855, no governo de Bernardo de Passos, então presidente da Província, o chamado Hospital de Caridade, localizado na rua da Misericórdia. Essa edificação foi alicerçada alguns meses após declarar que:

[...] não há em toda a Província, à exceção da Enfermaria Militar, um hospital: o doente pobre está sujeito a morrer ao desamparo e em grande número de casos pouco lhe aproveitam o receituário e medicamentos, faltando-lhe enfermeiro e os meios de sustentar a necessária dieta: ou não há de alimentar-se, ou a fazê-lo, há de ser com o sustento que puder obter, por mais danoso que seja, e pode até dar-se o triste caso - se não toma o alimento, morre; e morre igualmente, se o toma (Cascudo, 2010, p. 328).

O hospital em questão viria a sofrer por todo o período de seu funcionamento (1855-1905) a falta de verba para sua manutenção, e “[...] atravessando tempo e maré, com miséria e luta.” (Cascudo, 2010, p. 330). Segundo o Inspetor Dr. Manoel Segundo Wanderley, no Relatório de Presidente de Estado do ano de 1896, a Inspetoria de Hygiene⁴ conseguiu melhorias na situação do hospital, que cumprindo o Decreto n. 43 de 4 de abril de 1895, o reformou e criou novos cargos para auxiliar a manutenção da saúde pública.

Quando o assunto era a varíola, no mesmo livro, Câmara Cascudo reproduz o relato de 4 de dezembro de 1878, ouvido pelo vice-presidente em exercício Manuel Januário Bezerra do Inspetor da Saúde Pública Dr. Luis Carlos Wanderley. Vejamos:

⁴ A Inspetoria de Hygiene era um braço da Inspetoria de Saúde Pública que era montada em momentos de calamidade pública, para resolver problemas de salubridade, como em uma epidemia. (Soares Jr., 2019).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

[...] ouvido esse médico sobre o estado sanitário desta capital, declarou-me, que alguns casos de bexigas se tem manifestado entre os habitantes, mas que as providências do isolamento são tomadas a tempo de modo que o mal não tem desenvolvido o seu funesto contágio, e, sem constituir uma epidemia, tem-se reduzido a casos esporádicos, de que uma ou outra vítima se conta (Cascudo, 2010, p. 252).

No relato, é possível de imediato identificar as “providências de isolamento” tomadas pelo inspetor, mas primeiro é preciso esclarecer que não foi possível, através da documentação que tive acesso, mapear todas as vezes que a varíola atacou a população potiguar, pois a doença era recorrente, causando surtos epidêmicos que o referido autor abordou em seus escritos.

Na obra “História do Rio Grande do Norte” (1980) a varíola é descrita por suas diversas ocorrências, como a que ocorreu em “[...] 1872, no Relatório do Dr. Henrique Câmara, Inspetor da Saúde, dizia-se que a Varíola assaltara novamente a Província. Em Natal adoeceram mais de quinhentas pessoas” (Cascudo, 1980, p. 279). E logo após a varíola ir “[...] se arrastando, mata aqui, mata acolá, mais de dez anos, passeando pelos municípios” (Cascudo, 1980, p. 279), no parágrafo seguinte Cascudo aborda as providências de isolamento:

[...] em 1882 as Bexigas apavoraram. Foi uma época de construção de Isolamentos, Lazaretos, Recolhimentos. Eram barracões de palha, erguidos às pressas nos lugares onde a varíola se instalara. Os variolosos ficavam nas esteiras de palha de piripiri. Para acolhe-los convenientemente o presidente Francisco de Gouveia Cunha Barreto começou o “Lazareto da Piedade” na estrada velha de Guarapes. Em Natal fizeram três barracões. Um desses foi financiado pelo inglês Francis Artur Bowen, em dezembro de 1882. O Lazareto da Piedade, de remodelação em remodelação, chegou aos nossos dias. É o Hospital de Alienados, no Alecrim (Cascudo, 1980, p. 279).

Aqui é apresentado o objeto fundamental desta pesquisa, o estabelecimento de acolhimento e tratamento de pacientes com doenças infectocontagiosas no chamado Lazareto da Piedade. Segundo Cascudo nesse último trecho, ele foi criado em 1882 para recolher pacientes de varíola, e não se tem informações até a sua

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

primeira menção nos relatórios, que refere-se a 16 de abril de 1893, no qual foi utilizado para tratar um único varioloso que “[...] em poucos dias se restabeleceu-se” (RPE, 1893, p. 97). Ou seja, o estabelecimento era pouco usado, e abria suas portas para dar tratamento a casos esporádicos em que era preciso isolar doentes.

Ao chegar ao ano de 1895 “[...] ora crescia ora decrescia o número de doentes” (RPE, 1895, p. 110-111), e por isso é possível observar o Lazareto da Piedade sendo indicado para isolar “loucos”, pois esses indivíduos eram recolhidos até então no Hospital de Caridade que “[...] já não satisfazem os aposentos para elles” (RPE, 1895, p. 110-111), por isso o Lazareto “[...] nas melhores condições hygienicas, visto como ali é livre a ventilação, alem da belleza de sua architectura, muito bom se prestara ao azylo dos loucos” (RPE, 1895, p. 110-111). No entanto, foi no ano seguinte, de 1896, que irradiou na capital uma epidemia de varíola, a qual é possível observar seus efeitos através dos registros feitos na documentação oficial do governo da época:

[...] pesa-me confessar que tem sido pouco satisfatório o estado sanitário da nossa capital, na luctuosa quadra que atualmente atravessamos. Além das entidades mórbidas peculiares à transição das estações, [...] tem-se desenvolvido com certa intensidade a epidemia da Varíola e alguns casos de Sarampo, constituindo assim um terrível flagelo, desimando a população e produsindo em toda cidade em verdadeiro pânico (RPE, 1896, p. 97).

Assim foi relatado pelo Inspector de Hygiene, o Dr. Manoel Segundo Wanderley, que também apresentou um quadro do movimento de doentes do Hospital de Caridade e do Lazareto da Piedade entre 15 de junho de 1895 a 14 de junho de 1896. Dos noventa e cinco (95) falecimentos, cerca de 32% foram provocados por varíola:

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Quadro 1 - Movimento de doentes do Hospital de Caridade e Lazareto da Piedade.

1895	ENTRADAS	ALTAS	FALECIMENTOS
Existiam 15/06	84	—	—
De 15/06 a 30/06	18	48	4
Julho	55	52	8
Agosto	38	40	3
Setembro	39	31	7
Outubro	47	40	5
Novembro	36	34	7
Dezembro	36	34	5
Janeiro (1896)	48	34	8
Fevereiro	43	39	8
Março	67	53	6
Abril	68	39	9
Maio	91	67	14
1-14 de Junho	55	42	11
TOTAL	725	555	95

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir dos dados contidos no *Relatório de Presidente de Estado* de 1896.

É possível perceber uma certa incoerência nos números: durante o período descrito no quadro, os hospitais atenderam 725 corpos adoecidos, sendo que 555 receberam alta e 95 padeceram. Os outros 75 corpos não constam informação alguma sobre o destino, mesmo que quantitativo, que tiveram.

Consideramos esse dado elevado visto que são apresentadas dezenas (16) causas de morte neste período de tempo, e não há dados quantitativos de enfermos curados acometidos de varíola. De acordo com os dados do censo da época e disponíveis para consulta no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos deparamos com a informação de que a população da cidade do Natal, na década de 1890, era de 13.725 pessoas, fazendo com que possamos afirmar que o episódio ocorrido no ano de 1896 grassando pústulas nos corpos de mulheres e

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

homens não pode ser caracterizado apenas como um surto, mas como uma epidemia.

Além disso, o secretário do hospital, o Sr. José Marques Ávila apresentou no relatório da Inspetoria as “classes” que pertenciam aos indivíduos que deram entrada no hospital entre 1 de janeiro a 15 de julho de 1896. Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 2 - Mapa demonstrativo das classes dos doentes no Hospital de Caridade e Lazareto da Piedade.

CLASSE	EXISTIAM	ENTRARAM	SOMA	CURADOS	FALECERAM	SOMA	EXISTEM	TOTAL
HOMENS	1	44	45	23	7	30	12	42
MULHERES	1	68	69	47	8	55	17	72
PRESOS DE JUSTIÇA		5	5	4	1	5		5
BATALHÃO DE SEGURANÇA		6	6	3		3	3	6
34 BATALHÃO		12	12	5	2	7	5	12
APRENDIZ MARINHEIRO		1	1	1		1		1
SOMA	2	136	138	83	18	101	37	138

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir dos dados contidos no *Relatório de Presidente de Estado de 1896*.

A primeira descrição foi feita pela condição de gênero, ou seja, se homens ou mulheres adoeceram, sendo as mulheres as que mais adoeceram em quantitativo aos homens. É possível inferir que os presos de justiça, presentes nos dados, por estarem reclusos, podem ter se contaminado através do contato com os seguranças do Batalhão que eram responsáveis pelo cárcere. Embora não seja descrita a origem social desses homens e mulheres, é possível inferir que vinham das classes sociais mais baixas, que não podiam recorrer a um médico particular e portanto viam nos hospitalais “públicos” o caminho para curar suas enfermidades.

O Dr. Pedro Velho, presidente do estado entre os anos de 1889 e 1890 e 1892 e 1895, era um defensor da vacina antivariólica (da qual trarei mais adiante), entretanto reproduzia um discurso higienista de que a população era responsável

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

pelas moléstias que os acometiam, pela sujeira e falta de asseio com o ambiente, como analisou o pesquisador Almir Bueno (2016):

[...] Pedro Velho parece imbuído da nova postura “científica” que estava sendo aplicada em relação à saúde pública nos países mais “adiantados” em geral, como a adoção de medidas humanitárias aos presos, a fim de “ocupá-los em serviços públicos” e a intenção de melhorar as condições higiênicas lamentáveis das cadeias (Bueno, 2016, p. 54).

Michel Foucault em sua obra “Microfísica do poder” (1979) aborda a medicalização da cidade no século XVIII. Ele argumentou que a prática médica se insere no saber científico “[...] através da socialização da medicina, devido ao estabelecimento de uma medicina coletiva, social, urbana” (Foucault, 1979, p. 54). Junto a isso a noção de salubridade, desenvolvida na França pré-revolução, como o “[...] estado das coisas, do meio e seus elementos constitutivos [...] enquanto afetam a saúde” (Foucault, 1979, p. 55). É a partir dessa medicina científica, junto com a medicina de Estado na Alemanha, que se desenvolve na Europa um “[...] controle da saúde e do corpo das classes mais pobres para torna-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas.” (Foucault, 1979, p. 57).

É essa a postura “científica” que o historiador se refere, e que também está presente no Relatório de 1896, em que o inspetor tenta ilustrar o estado calamitoso que a cidade era encontrada, utilizando de um discurso higienista, alegando que é difícil trabalhar no saneamento pela sujeira e imundice que encontrava-se nas ruas, praças e habitações, com “[...] falta de de um calçamento regular, sem sistema de esgoto apropriado” (RPE, 1896, p. 220), e, por isso, contribuindo para os focos de disseminação infecciosa. Além disso, o referido chefe de governo ainda condenou a “[...] incorrigível indolência [adicionados a uma certa dose de ignorância] de grande parte da população” (RPE, 1896, p. 220).

Com isso, como intervenção, as medidas eram de “[...] desinfecções rigorosas, remoção para o Lazareto da Piedade” (RPE, 1896, p. 220) e para os que

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

não quiserem, “[...] por natural repugnancia” (RPE, 1896, p. 220), se submeter o tratamento naquele estabelecimento, isolamento completo no próprio domicílio (RPE, 1896, p. 220). Adicionalmente e mais importante era a recomendação de vacinação e reforço da vacina, recomendação feita pelas autoridades governamentais em meados do fim da década de 1880 especialmente no jornal *A República*, que era vinculado ao Partido Republicano, que tomava a cadeira do governo na época, principalmente na figura de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.

Finalmente, no Relatório de 1897 o presidente já iniciou seus escritos lembrando dos “[...] desastrosos effeitos do terrivel morbus” no ano anterior, e afirmando que não poupou esforços para “minorar os soffrimentos das victimas [...] de modo a merecer applausos, pelo humanitario zelo com que ministraram o indispensavel soccorro aos variolosos” (RPE, 1897, p. 1). Seguidamente, no Relatório de 1899 foi apresentado que já não havia mais enfermidades de carácter epidémico no estado, apenas alguns casos esporádicos de varíola que eram enviados ao Lazareto, e é finalizado reforçando a conveniência da obrigatoriedade da vacina.

A vacina da varíola chegou primeiro no estado da Bahia, em 1804, através do futuro Marquês de Barbacena. No Rio Grande do Norte é incerto o período de chegada da vacina jenneriana, pois Cascudo (1980) em sua obra “História da República do Rio Grande do Norte”, apresenta uma citação do Presidente Basílio Quaresma Torreão, de 1 de dezembro de 1833, na qual ele ressalta que:

[...] a vacina, esta descoberta tão salutar, e tão útil à Humanidade, êsse antemural do flagelo da peste, não tem tido aqui aquela propagação proporcionada aos esforços do Governo. Não sei ainda a que deva atribuir o mau resultado desta operação; se por não ser o verdadeiro pus; se à falta de Professôres que o apliquem; ou se ao mau sistema guardado no transporte, já da Capital do Império para as das Províncias; já destas para as Câmaras do Interior, e daqui em fim para os lugares parciais.” (Cascudo, 1980, p. 277).

Entretanto, o mesmo autor logo a seguir escreve que “[...] visivelmente enganado quanto a parte cronológica” o presidente José Joaquim da Cunha na data

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

de 3 de dezembro de 1852 escreveu que “[...] a vacina, que só teve princípio nesta Província em setembro de 1847, quase nunca se praticou fora da Capital por deficiência de pessoas, que a isto se quisessem prestar” (Cascudo, 1980, p. 277). Essas eram as críticas que quase todos os Presidentes de Província do Rio Grande do Norte faziam referentes à vacinação, segundo Cascudo.

A história da imunização e combate da varíola no Brasil começa com a prática de variolização, método que consiste na inoculação do pus variólico. Essa prática é conhecida no mundo desde a Antiguidade, e veio para a América com os portugueses, mas as datas se confundem com a chegada da vacina jenneriana, que não se sabe ao certo (Chalhoub, 1996, p. 105). A vacina foi criada em 1796 pelo médico inglês Edward Jenner decorrente do cowpox, doença semelhante à varíola humana (smallpox, do inglês), que acometia vacas e que em humanos causava imunidade temporária à varíola. A comunidade médica europeia por vezes divergia sobre recomendar a vacinação, visto que o método era novo e criou-se diversos estigmas em torno da prática, como, por exemplo, o de “bestializar” os inoculados (Cf.: Chalhoub, 1996; Ujvari, 2018).

No Nordeste não era diferente, Cascudo (1980) descreveu que “[...] os agentes vacinadores realizavam milagres de persuasão para riscar o braço dum sertanejo, horrorizado com aquela manobra de tratá-lo com pus. Vá botar sua porcaria no inferno!” (Cascudo, 1980, p. 279). Chalhoub (1996) aprofundou as questões em torno da *vacinophobia* (termo utilizado pelo autor) no Brasil, que prejudicou o avanço da prática na segunda metade do século XIX. O problema se deu por controvérsias médicas e barreiras culturais e ideológicas entre os higienistas e a população. O povo foi tomando repúdio à vacina, pois ela era temporária e muitos vacinados ainda eram acometidos do flagelo, sendo necessário a prática da revacinação.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Logo, muitos passaram a crer que a vacina era o próprio vírus, optando pelo método antigo da variolização, e confundindo os efeitos colaterais dos dois métodos, gerando um caos informacional (Chalhoub, 1996, p. 114-134). Com isso, para combater a varíola não só era necessário lidar com o fato ser uma doença mortal e contagiosa, mas também combater as desinformações e os discursos mentirosos sobre o efeito da vacina, que tomava a cabeça de um povo pouco letrado e muito agarrado a práticas mais tradicionais, como a da variolização.

Conclusões

Por fim concluo que foram analisados os discursos por parte dos governantes de se isentar da culpa da falta de saneamento público, tomando a noção de salubridade e higiene pública para justificar sua negligência governamental. Então, para conter um morbus epidêmico que vivia sempre a rondar os potiguares, e que agora assolava a população especialmente de classes sociais mais baixas, foi utilizado uma medicina de isolamento e reclusão, em que corpos eram enclausurados em um lazareto para livrar as ruas do “mal das bexigas”.

Adicionalmente recomendo um outro trabalho no tema como por exemplo a vacinophobia de Chalhoub (1996) em como a resistência às medidas profiláticas geraram a revolta da vacina em 1904 e especialmente a preferência da população em recorrer ao método tradicional da variolização, dialogando com “A Invenção das Tradições” de Eric Hobsbawm.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República**: idéias e práticas no Rio Grande do Norte (1880-1895). Natal, RN: EDUFRN, 2016.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 2010.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da República do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril:** cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LOPES, Gabriel. **Práticas de saúde pública e epidemias no Rio Grande do Norte:** 1850-1892. Natal, RN, 2005.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. **A doença revelando a história:** uma historiografia das doenças. Uma história brasileira das doenças. Brasília: Paralelo, 2004.

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos hígidos:** o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924). 3a. ed., João Pessoa: Ideia, 2019.

TOLEDO JUNIOR, Antonio Carlos de Castro. **História da varíola.** Rev Med Minas Gerais, v. 15, n. 1, p. 58-65, 2005.

UJVARI, Stefan Cunha. **A História da humanidade contada pelo vírus.** Editora Contexto, 2015.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade